

A Alforria do Silêncio

O prédio do tribunal é de vidro e reflete o forte sol de Campinas. Antônio parou na calçada e olhou para cima e reparou nas suas mãos sujas de graxa velha. Ele tentou limpá-las na calça jeans, mas a mancha ficou. Aos sessenta e dois anos, trabalhou trinta na mesma oficina, e agora estava ali.

A filha empurrou a porta. Ela é advogada, falava em direitos, mas Antônio não dizia nada. Ele só pensava no barulho dos motores, no cheiro de óleo queimado e no cansaço que não sai com banho. Para ele, a vida sempre foi uma linha reta de trabalho, sem desvios.

O saguão estava cheio de gente de terno e gente de chinelo. O ar-condicionado era gelado, Antônio se sentou na ponta da cadeira e apertou o boné contra o joelho. Ele se sentia um estranho, um intruso, olhou para as unhas pretas de metal, e pensou: o metal e o tempo não perdoam.

Chamaram o nome dele. A sala era pequena. O juiz olhou para Antônio. Não parecia bravo. Fez algumas perguntas e Antônio respondeu baixo. Falou dos domingos na oficina, das peças que trocou, do patrão que sumiu sem pagar. Ele não usou palavras bonitas, só fatos. O suor não tem adjetivo.

O juiz escrevia, e o barulho do teclado era seco. Antônio olhava para o chão. O piso era branco demais, ele lembrou do chão da oficina, sempre escuro de óleo. Ali, tudo era limpo, quase estéril. Sentiu um aperto no peito, não era medo, era outra coisa.

A audiência acabou rápido. O juiz deu um papel para a filha, ela sorriu, Antônio não sorriu. Ele se levantou, mas a cabeça pesava. Eles caminharam até a saída e o sol ainda batia forte no vidro do prédio.

Antônio parou na calçada, tirou um maço de cigarro do bolso, acendeu e olhou para as próprias mãos. A graxa ainda estava lá, sob as unhas, ele soprou a fumaça e começou a caminhar em direção ao ponto de ônibus. O papel da sentença estava dobrado no bolso de trás, mas ele não o abriu.

João Pedro Rastelli Stevenson

Estudante